



www.delfimsantos.org

O sentido da ironia segundo Delfim Santos

João Medina (1966)

Texto lido durante a sessão de homenagem à memória do Professor Delfim Santos no Centro Nacional de Cultura, na noite de 25 de janeiro de 1967, inédito, destinado à obra *In Memoriam de Delfim Santos*.

O fim último do homem é o próprio homem.
Delfim Santos

Na esteira da ontologia pluralista de N. Hartmann,¹ Delfim Santos concebia o ser real como uma tetralogia formada por estratos diferentes, embora interligados: o domínio físico (*matéria*), o domínio biológico (*vida*), o domínio psíquico (*consciência*) e o domínio espiritual (*espírito*). No ser do conhecimento, às quatro regiões correspondem, respetivamente, a *perceção*, a *intuição*, o *conhecimento* e o *saber*. Este pluralismo ôntico implica, assim, pluralismo cognitivo, horizontes epistemológicos distintos embora conexos. Se atentarmos no grau superior desta estrutura tetralógica - o *espírito*, o grau mais rico e mais autónomo -, logo nos apercebemos de que é aqui, nesta esfera, que se situa a meditação sobre a cultura, a ação filosofante, o dinamismo da ironia. Tanto o saber da filosofia como o fazer da cultura transcendem o mecanicismo, o vitalismo e o psiquismo das três primeiras regiões do ser e só plenamente *são* como categorias próprias e essenciais dum estrato que há de por força constituir o campo mais genuína e densamente humano.

O espírito manifesta-se ao homem e no homem como «*possibilidade de comunicação e o seu ambiente é a liberdade*».² Ao contrário do animal, o homem, porque *espírito*, é sempre transcendência, ação e superação. Os gregos definiam o homem como *zoon logon echon*, animal dotado da palavra, de razão; em suma, animal pensante, dotado dum *logos*. Este Logos, esta luz viva e atuante, este lume inquieto e inapaziguável, é a *palavra* no mais fundo, dramático e transitivo sentido do termo - ou

¹ Vd. a recensão de Delfim Santos a *Systematische Philosophie*, org. de Nicolai Hartmann, Stuttgart: Kohlhammer 1942, em *Rumo* 1, Lisboa, 1946, 149-152.

² Delfim Santos, Meditação sobre a Cultura, *Rumo*, *id.*, 26.



www.delfimsantos.org

seja, *espírito*. E se o animal se inscreve perfeitamente no quadro da sua espécie, sofrendo o peso do real em vez de impor o seu peso ao real, o homem, bem ao contrário, *age*, enfrenta a realidade, é capaz de se opor ao mundo físico, de o negar, transformando-o. Este poder de oposição, este ser capaz de enfrentar e superar um mundo no qual vive, radica no "espírito" e chama-se liberdade. Animal *negador*, o homem pode, deste modo, operar universalmente, ou seja, para além dos quadros da sua própria espécie. O mesmo é dizer que, sendo o único animal dotado dum poder aniquilante, dum capacidade de oposição, só o homem é capaz de aceder à liberdade, à criação autêntica, à Cultura. Como escreve Delfim Santos: «A liberdade é uma categoria que, com propriedade, só se refere à vida do espírito. Só o espírito é criador; a natureza nada cria, procria, isto é, repete e respeita certos tipos de manifestação numa monotonia impressionante».³ Deixando de lado as implicações desta visão dum natureza uniforme e incapaz de inovações, retenhamos o essencial: o espírito do homem é liberdade, transcendência. E com isto nos aproximamos do sentido da *ironia*.

Num magnífico artigo escrito em 1943,⁴ Delfim Santos observava: «*Negatividade é a característica elementar do espírito, pois o espírito é sempre negador. O espírito surge no homem como negação contra a brutal incorporação na natureza de que está constantemente ameaçado (...). Esta negatividade em que o espírito se afirma é absoluta e transcende sempre toda a objetividade em que se insere, é infinita porque os estádios de satisfação em que parece culminar em cada época revelam-se provisórios nas épocas seguintes*».⁵ Hegelianamente, pois, o espírito - mas o espírito do homem, não um espírito desencarnado - tem uma alma dialética que reside no poder da Negação, numa negatividade perene jamais satisfeita, Logos perpetuamente fluido, fluidificante e degelador de todas as realidades estáticas, Logos insone que recusa qualquer quietude.

O espírito é ação, portanto criação e destruição, aniquilamento construtivo e criação aniquilante. Só o espírito humano cria porque só ele sabe destruir para edificar e edificar para destruir. Só o homem sabe dizer *não* - e sabe ainda dizer *não* às suas próprias criações, a si mesmo. Ser da natureza, ser natural que age, o homem mostra-se sempre transcendente em relação à natureza porque se pode emancipar dela, superando-a. «*Aquilo que o animal produz - lê-se nos Manuscritos de 44 - faz parte integrante do seu corpo físico, enquanto que o homem se ergue livremente diante do seu produto*». O homem consegue criar e recriar um mundo transnatural no qual a natureza é apenas conservada porque superada; além disso, pode ainda forjar um mundo mais complexo e mais rico com elementos não oferecidos pela natureza; desta negatividade radical nascem os produtos mais genuinamente culturais da criação humana: a arte, a moral, a filosofia, a política... Não se trata de combater, exilar ou abolir a natureza, mas de, por uma ascensão dialética, aceder a uma esfera autónoma,

³ Meditação..., 29.

⁴ Delfim Santos, O Valor da Ironia, *Variante*, Lisboa, Inverno 1943, 74-76.

⁵ *Idem*, 74.



www.delfimsantos.org

distinta e cognitivamente superior aos níveis físico, vital e psíquico; esta nova região, a mais eminente, apresenta um "*novum*" que não pode ser explicado com base nas categorias do conhecimento ou nos níveis ônticos próprios de qualquer dos restantes graus do ser real. Progressivamente desvinculado da sua base empírica, natural, sensível ou mecânica, o ser do homem eleva-se a um plano plenamente autárquico e que em verdade define o âmbito mais autêntico do fenómeno cultural e do saber.

«Se quiséssemos propor uma definição do homem - escreve Delfim Santos -, poderíamos dizer que ele é o único animal irónico - que o mesmo é dizer dotado de espírito - que habita a Terra, e que a ironia se manifesta nele como o espírito - destruindo para criar em função de algo novo ou de nada». ⁶ Esta definição, como vimos, equipara a função da ironia com a do espírito, já que o ironista procede pela Negação, pela recusa aniquilante, construindo no ato de destruir, agindo como anunciador duma realidade nova ou apenas *futura*, que ainda não é mas *há de ser*. A ironia surge, assim, como negatividade *executiva* (a expressão é de Kierkegaard), exprimindo a insatisfação do homem ante a realidade e, ao mesmo tempo, identifica-se com o processo da liberdade, uma vez que - ainda no dizer de Delfim Santos - «só o homem irónico (com capacidade de imaginação do novo e crítica dele mesmo e do mundo que o cerca) pode ser considerado homem livre». ⁷ Parece-me extremamente importante esta raiz do mais fundo sentido da ironia, não já como mero processo estético, mas como apelo vigilante em nome duma ética de intervenção ativa em relação ao mundo espiritual e prático. Se a ironia *contemplativa* não passa dum jogo formal onde há uma dialética de teses e antíteses, de permutas entre o que se pensa e o que se diz, a ironia *executiva*, essa transcende o lúdico, inscrevendo-se no plano mais densamente ético da atividade cultural do homem; ironia assim compreendida mostra-se sinónima de liberdade, de ação crítica prática exercida sobre o mundo, contra o mundo estático dos valores e das instituições entorpecidas, inertes, sufocantes e, finalmente, opressivas. O mesmo é dizer que não há ironia sem um humanismo prévio (ou consubstancial), do mesmo modo que todas as fainas culturais válidas carecem dum suporte humanista, ou seja, dum ideário voltado para o homem, centrado no homem, como «método de realização do humano no homem». ⁸

A ironia é, portanto, uma categoria transcendental, se por tal entendermos uma categoria espiritual operante, negadora-afirmadora, *dialética*; não se dê contudo ao termo "transcendental" um significado transumano: estruturalmente humanista, o pensamento de Delfim Santos move-se na esfera do homem-medida, portanto na pura imanência humana, sem vínculos a qualquer valor ou fonte sobrenatural. A transcendência dos existencialistas tem um sentido dialético, é capacidade de transcender o mundo ou o simples estar-no-mundo; é, em suma, transcendência

⁶ *Id.*, 75.

⁷ *Id.*, 76.

⁸ Delfim Santos, *Cultura e História*, Medicina 57, Lisboa 1943, 29-34, 3.



www.delfimsantos.org

horizontal. Esta observação ficará mais clara ao lermos em Delfim Santos o trecho seguinte: «*enquanto a categoria transcendental que dá alento à ciência é a dúvida; enquanto a categoria da existência é o desespero; a categoria do espírito, ou da filosofia, é a ironia*».⁹ Sublinhemos esta importante declaração: a categoria do espírito (ou da filosofia) é a ironia. Por outras palavras: o cerne categorial do espírito e do filosofar radica nesta capacidade de negação e transcendência que se chama ironia.

O espírito, como o disse Scheler, é o Negador - *Neinsager*, aquilo que diz *Não*, que nega para afirmar, que afirma para negar. Deste modo a manifestação da atividade do espírito vem a coincidir com a ação da filosofia, com o ato e a postura específica do filosofar e, por fim, com a faina irónica. O pensador é também um *Neinsager*, um homem que diz *Não* ao torpor, ao adormecimento, às falsas certezas e aos falsos princípios, um opositor de tudo quanto seja cultura anquilosada, crenças e ideários paralisados e paralisantes. A tarefa dissolvente, catártica, do filosofar, além de coincidir com a alma móvel da ironia, identifica-se ainda com a própria atividade cultural. Escreve Delfim Santos: «*Cultura é a criação de novas formas em um substrato que é sempre o mesmo, e por agente que é sempre o mesmo, e que (...) é a única coisa respeitável à superfície da Terra - o homem, o homem que vive e anseia por realizar uma ideia de verdade e de justiça*».¹⁰ Observa-se como é curiosamente concordante com esta definição o labor do ironista: «*A ironia não se dirige a casos particulares e individuais; o seu objeto é o todo; é, portanto, sempre expressão de uma atitude metafísica*». «*Sendo a ironia a oposição dialética de determinado aspeto da realidade já objetivado a outro aspeto ainda não realizado, mas suposto mais perfeito, é certo que toda a atividade do espírito é irónica. A história da civilização pode ser considerada como uma série de estádios sucessivos na vida da humanidade provenientes do exercício da ironia, que cada geração dirige às formas de vida das gerações anteriores, fazendo valer em contraposição o seu novo conceito de ordem social. A crítica em função de princípios é um vasto campo de aplicação da ironia*».¹¹ Sublinhemos, pela sua importância, aquela afirmação de que toda a atividade do espírito é irónica; é-o quando o espírito obedece verdadeiramente ao seu apelo transfigurador e crítico dum mundo existente em nome duma nova ordem - e até ordem social - suposta mais justa, mais conforme com essa única realidade respeitável à superfície da terra que é o homem. Voltemos a cotejar as noções de cultura e de ironia: «*Destruir indica necessidade de novas criações mais e melhor, de acordo com os valores em função dos quais se destrói. Respeito pelo homem que cria e destrói para novamente criar o que a seu tempo deverá ser destruído. É isto a história. Fixar ou pretender fixar, em continuidade, uma época porque foi criadora, ou porque foi destruidora, é um vício do conservantismo. Só é perfeitamente conservável aquilo que é perfeitamente compatível com o valor epocal ao qual se relacionam as*

⁹ O valor..., 75.

¹⁰ Cultura e História, 8.

¹¹ O valor..., 75.



www.delfimsantos.org

*instituições. (...) Destruir é uma forma de criar e criar é uma forma de destruir ou, dito de outra maneira, a vida histórica é essencial transformação».*¹² O mesmo anelo crítico criador move o espírito da ironia: «A ironia é uma força destrutiva, um perigo de aniquilamento, mas que sempre aspira a criar, reformar e embelezar situações sociais e individuais que o homem já não pode suportar. Destrói para criar e o seu perigo (perigo para o já estabilizado) reside em destruir sempre em função do novo ou de nada, no sentido de ainda absolutamente indeterminado ou só imperfeita e parcialmente objetivado».¹³

Compreende-se que, nesta perspetiva, o revolucionário seja sempre um irónico, seja até o homem irónico por excelência. «...Uma revolução - escreve Delfim Santos - é sempre também um produto da ironia executiva (...) pois é sempre resultante do descontentamento do que já se realizou e a esperança de que os ideais chamados a agir darão melhor conformação à vida social. (...) O conservador, seja em que plano for, e em especial o chamado burguês, é sempre um homem destituído de capacidade irónica porque se moldou plenamente ao mundo em que vive e que é o seu ideal».¹⁴ Compreende-se que assim seja, que não possa mesmo ser de outro modo; poder aniquilante e proversivo - ou subversivo - a ironia constitui-se como arma crítica e prefigura sempre a crítica das armas. O conservador, homem da ordem, da inércia e do *statu quo*, professa uma como que forçosa aversão ao sentido perturbador da ironia, já que é defensor do imobilismo, do *espírito de gravidade*. A ironia, espírito móvel, prospetivo e negador, dissolve as formas obsoletas, os ideais caducos, o conformismo e a tradição. A ironia defende o essencial, o único valor perene no rio das transiências - o Homem, porque só este, como diz Delfim Santos «traz em si todas as possibilidades de criação de novas formas, e a estas deve dar-se o direito de substituir as que já envelheceram».¹⁵

Observemos agora como se assemelha à lida do ironista a atividade do filósofo. Antes de mais, o ironista e o filósofo têm de comum o não poderem ensinar os seus misteres, pois tanto a ironia como o filosofar (a vocação filosofante) são intransmissíveis; pode-se comunicar o sentido do pensamento, o seu conteúdo, mas não se pode criar em seja quem for a virtualidade de filosofar; ironia e filosofia revelam-se capacidades espirituais que só serão dadas a quem verdadeiramente tiver um espírito, uma vocação espiritual. Mas outros traços comuns aproximam e quase identificam o ironizar e o filosofar. Num artigo escrito há poucos anos, a propósito desse nevoeiro deplorável de bagatelas e frustrações a que se deu o nome de "filosofia portuguesa", escrevia Delfim Santos estas palavras: «Todo e qualquer homem que como filósofo surge na cultura dum povo desintegra-se precisamente dessa cultura por ser filósofo». «Se o filósofo é o opositor dialético das verdades estáticas que adormecem um

¹² Cultura e História, 8.

¹³ O valor..., 75-76.

¹⁴ *Idem*, 75.

¹⁵ Cultura e história, 7.



www.delfimsantos.org

povo, não pode, enquanto filósofo, ser mercador de sono.¹⁶ E aqui - muito em especial no tocante ao problema da verbiagem dos pretensos "filósofos portugueses" - parece-me que uma das funções da ironia, a de escorraçar da cidade os mercadores de sono, os cúmplices do sono, deve ser exercida, para que aquelas "verdades estáticas" se reduzam ao que na verdade são: pequenos sofismas de gente pequena num país onde as feras não dormem e as aves da madrugada ainda não voam.

A ironia, tal como a mais sã filosofia, surge no horizonte cultural como força destrutiva, perigo de aniquilamento, mas belo perigo porque aspira a reformar, a regenerar e a transformar o mundo do homem em nome dum mundo mais humano e dum homem mais integralmente realizado como tal. Se esta é a vocação e a paixão do ironista, acaso dela difere a vocação e a paixão do filósofo? Não poderemos também, falando do labor do filósofo, dizer que ele consiste numa força negadora que destrói para criar, para reformar e humanizar o mundo do homem? Falando de cultura Delfim Santos observou uma vez que ela não existe sem um certo conceito de humanismo que lhe sirva de suporte e que *«uma cultura que não tenha uma ideia do humanismo a propor é uma cultura sem fundamento e, como tal, indigna de se lhe chamar cultura»*.¹⁷ Eis a palavra decisiva: *humanismo*. Tanto a cultura em geral como a ironia ou a filosofia em particular só podem existir na base dum ideário humanista, sob pena de não passarem de jogos vácuos e sem qualquer relevância, quando não jogos mórbidos. Revelar o essencialmente humano ao próprio homem mostra-se o cuidado primeiro duma cultura que queira servir o homem em vez de se servir dele. Entre as formas culturais que melhor servem esse programa de desenvolver no homem as suas virtualidades mais genuinamente humanas, que melhor representam as causas da reforma, da renovação e da criação, portanto as tarefas mais legítimas do *espírito* como ação dialética e como obreiro da liberdade, duas avultam, unidas no mesmo anseio, na mesma esperança e no mesmo difícil e forte amor pelo homem: a ironia e a filosofia. *«Ironia, dúvida e desespero - observa Delfim Santos - são as coordenadas essenciais do estar-na-Terra. Tanto a ironia, como a dúvida, como o desespero, radicam no sentimento de inconformidade e mal-estar do homem em um mundo a que ele foi lançado sem saber porquê e para quê. Surgindo do nada é sempre o nada que inquieta e é o nada (ou o absolutamente indeterminado relativamente ao já conhecido como objeto) que o leva ao desespero na sua existência, à dúvida nos seus interesses e à ironia nos seus esforços de libertação»*.¹⁸ Eis outra palavra-chave que ocorre no texto citado: *libertação*. Se a ironia serve o homem, se a filosofia arranca ao homem as falsas consolações, as miragens e os narcóticos, ambas o servem como as mais altas obreiras da obra humana por excelência: a libertação do homem. Disse-o Delfim Santos: *«Só o homem merece ser defendido, porque defender o homem é defender tudo, e defender as coisas contra o homem*

¹⁶ Delfim Santos, *Filosofia e Filomítia*, Colóquio 15, Lisboa 1961, 51-52.

¹⁷ *Meditação...*, 35.

¹⁸ *O valor...*, 76.



www.delfimsantos.org

*é anular o que é mais importante - o homem. Só uma espécie de homens merece ser destruída - é a espécie que defende as coisas, os produtos e as instituições contra o próprio homem».*¹⁹ Era esta, foi esta e é esta a profissão de fé do humanista. E outra fé Delfim Santos não teve, fé no homem, esperança num mundo no qual o homem um dia integralmente se reconhecesse como homem, mundo centrado não sobre as coisas, as instituições e tudo quanto o homem produz, mas sobre a medida que tudo mede e a si mesma se mede: o homem. Fé, ainda, na dialética desta busca, deste caminho empedrado com valores destruídos e instituições derrubadas, caminho ascensional, incessante, caminho da perfeição e da beleza dolorosa, caminho que visa o todo, não o Todo abstrato e absolutamente morto dos mortos céus mas o Todo humano, Homem total, homem totalmente humanizado por si próprio, dentro de si próprio, caminho de acidentes, malogros, mas também de conquistas, via desesperadamente esperanças, duma perpétua e faminta esperança que nem a morte logra corroer - porque também ela, a senhora absoluta nesta peleja de domínio e servidão, também ela é ironia, *«algo que - disse-o Delfim Santos - afirma que isto que somos é ainda (e será sempre) indigno de manter-se, de continuar, porque o seu irmão, o amor, na força irónica de que está totalmente possesso, criará novos seres que viverão novas esperanças e novos sonhos».*²⁰

Lisboa, Dezembro de 1966

João Medina

¹⁹ Cultura e história, 1.

²⁰ O valor..., 76.